

21 DE ABRIL

A data de 21, a transcorrer neste mês e que nos recorda o martírio de Tiradentes, sugere-nos algumas considerações sobre o conceito de independência.

Não é possível a uma nação conservar a sua independência sem, antes de tudo, manter íntegros os fatores de sua respectiva nacionalidade, ou sejam a raça, a língua, a religião, a tradição, os interesses comuns, os costumes e, no nosso caso particular, as Forças Armadas.

Manter a integridade desses fatores é conservar a unidade da nação, vale dizer, a sua própria independência.

A base física dessa sobrevivência está na unidade geográfica e a esse respeito muito pouca coisa temos feito para corrigir, por meios materiais, a nossa geografia dissociativa. E populações que vivem em compartimentos estanques acabam por perder os traços comuns.

Vastos impérios antigos, tais como o romano, o mongólico e o chinês puderam durar séculos porque contaram com uma bem organizada rede de comunicações.

O império romano, por exemplo, dispôs de quase cem mil quilômetros de bons caminhos, cujos traçados e obras de arte ainda hoje admiramos.

Quanto a nós, só hoje realizamos as ligações rodo e ferroviárias entre o Norte e o Sul do país e bastou que as completássemos para que as populações interessadas se pusessem em marcha.

Não cabe aqui discutir os malefícios econômicos que a transmigração unilateral das populações nordestinas para o Sul do país vai acarretar para a região do chamado "Polígono das Secas", mas ressaltar tão somente os benefícios que, sob o ponto de vista da unidade da Nação, vem trazer a inter fusão de tão vastas correntes de sua população, propiciada pelos novos caminhos Norte-Sul.

As vias de comunicações, de qualquer forma, aproximam as populações e as lançam no cadinho da cultura comum.

E já que tocamos em possibilidades materiais para corrigir deficiências geográficas, não podemos deixar de nos referir ao maior dos nossos erros, ou seja à conservação da capital federal na orla litorânea.

A sua interiorização traria como corolário imediato o desenvolvimento das vias de comunicações para ligá-la aos quatro cantos do país, com tôdas as vantagens que daí adviriam para o fortalecimento dos laços da nacionalidade.

Conservando-a à beira-mar, como o fizemos, bem como quase tôdas as capitais dos Estados litorâneos, contribuímos para o relaxamento, senão mesmo degeneração dos nossos costumes e das nossas tradições, pois as populações litorâneas, em contato direto com povos de tôdas as raças, sempre foram, em tôdas as partes e em todos os tempos, populações de caráter cosmopolita, comercial e poliglota e para as quais os interesses imediatos primam sôbre todos os outros.

Basta atentar-se para a quantidade incrível de edifícios e lojas com nomes estrangeiros que se erguem na capital federal, para se aquilatar da rapidez com que se esquecem ou se omitem as nossas mais caras tradições e costumes.

Dissolve-se o caráter nacional na idolatria dos Deuses de além-mar.

Ao contrário, viaje-se para o interior e verificar-se-á que lá estão as fortalezas da unidade nacional.

A maioria das ruas de Belo Horizonte, por exemplo, ostenta nomes das nossas primitivas nações indígenas. Essa trepidante cidade, aliás, em vias de se ligar a todos os pontos do Estado por meio de um soberbo plano de vias de comunicações, é uma lição e u'a amostra viva do que seria, hoje, a capital do país se transplantada, há 50 ou mais anos atrás, para o planalto central do país.

É no interior e não no litoral que estão todos os elementos materiais e culturais que hão de fazer grande e forte o nosso amado Brasil e tudo devemos fazer para preservá-los.

A vinda de colonos japoneses e de deslocados da guerra, elementos racialmente infuzíveis ou desajustados é, sem entrar no mérito da vacilante política imigratória do país, outro fator perturbador e ameaçador da unidade nacional.

Os maiores responsáveis pela nossa preservação antropológica condenam-na e indicam o tronco ibero-italico para continuador da nossa unidade racial.

A raça, portanto, bem como a tradição e os costumes abalam-se ante os golpes demolidores desse inimigo que se poderia chamar "indiferentismo nacional" que a tudo fecha os olhos.

A própria língua e até a religião, que sempre foram tidas como os maiores baluartes da nacionalidade sofrem hoje a ação corrosiva de fatores negativos.

O cinema estrangeiro é o principal agente dissolvente da língua, ao qual podemos acrescentar o diletantismo dos cronistas da imprensa diária, que nada podem escrever sem enxertar termos estrangeiros na língua vernácula.

E quanto à Religião de Cristo, sob cujo signo nascemos e à sombra da qual temos conservado até hoje a pureza de costumes e os foros de povo ordeiro e pacífico, doloroso é verificar quanto é desrespeitada ante a ação nefasta do comunismo que invade e debilita o organismo nacional.

E o Brasil, que não conhecia os ateus, tem-nos, hoje, às centenas de milhares na pessoa de brasileiros de uma casta especial que não vacilam na violência e no entregar o país ao domínio de uma potência asiática.

Finalmente, a coesão das Forças Armadas é o último alvo dos vendilhões da Pátria.

No dia em que elas se fenderem — e infelizmente já temos alguns tráfugas — então tudo estará perdido.

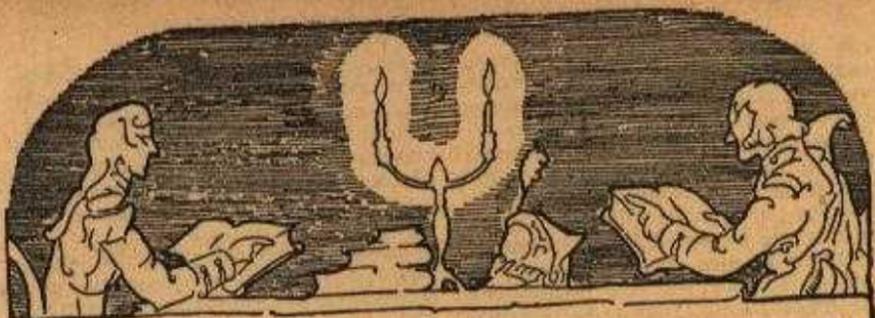
Não podemos admitir em nossas Forças, como não podemos tolerar em quaisquer dos setores administrativos do país, nenhum elemento cuja fidelidade à Pátria e ao regime seja posta em dúvida por um instante sequer.

Vigilância e união, sobretudo união, são, pois, as palavras que comandam o conceito de independência.

Para Toynbee, o grande historiador inglês, restam hoje quatro civilizações das 21 que já foram identificadas e individualizadas no curso da História. Essas quatro são a Ocidental, a Islâmica, a Índica e a Extremo-Oriental.

Cabe-nos escolher.

Ou manter a nossa união e nos conservarmos livres no seio da civilização ocidental, a depositária do cristianismo e da cultura greco-romana ou desaparecer como nação e nos entregarmos ao jugo de civilizações que perderam a vitalidade e a capacidade criadora, a não ser para escravizar povos e desumanizar o homem!



CULTURA PROFISSIONAL

PRINCÍPIOS DE GUERRA OU SENSO COMUM?

Coronel PIERRE PAQUIER

(Traduzido de "Forces Aeriennes Françaises", pelo Coronel ADAUCTO CASTELLO BRANCO VIEIRA)



A PERMANÊNCIA dos princípios de guerra — concentração dos meios, economia das forças, liberdade de ação — traz como consequência necessária, o

bom senso.

O bom senso do chefe militar (em sã lógica não há senão um "senso comum" a todos, civis e militares) é, não-lo concederão, o senso delicado do verdadeiro, do razoável, do concreto: não a faculdade separada mas complexa, resultante de todas as faculdades aplicadas, em concurso e em ordem, para julgar uma situação militar em tempo e lugar dados.

Mas de que maneira julgar?

Precisamente de acordo com os princípios da arte militar que fizeram, na história das guerras, um sucesso singular.

A esses princípios, que são deixados muitas vezes dormir nos arquivos dos serviços históricos, é preciso lhes dar corpo, aplicando-os

à missão e aos meios, de um lado, ao inimigo, do outro. Mas também ao terreno, às distâncias, às informações, às transmissões, às circunstâncias atmosféricas, a todas as condições da ação militar, sem esquecer a logística, para gáudio dos defensores da terminologia moderna.

Enfim, a esses mesmos princípios, o bom senso dá apoio. Mas quem diz bom senso entende: base certa, base sempre uma.

Base certa: os julgamentos do bom senso não devem vacilar ao sabor da impressão, da fantasia, do humor. Senão é mais letargia que atividade de espírito.

Base sempre uma, pois dados concretos não se discutem, tanto nas manobras de dupla ação como nos exercícios de quadros sobre a carta e no terreno: autonomia e telo de nossos caças de interceptação, rapidez, tonelagem útil de nossos bombardeiros táticos, tempo de carregamento, cadência de tiro, equipamentos, transmissões radioelétricas, canhões automotores blindados, car-

Talvez para o militar que é colocado em estreita situação tática e com tanto mais força quanto o quadro tático for mais limitado, as necessidades mais definidas, as dificuldades mais imediatas. Mas raramente, se o homem for instalado diante de uma operação estratégica onde a abstração pode ter livre curso para trazer todos os meios à ação decisiva. Desde então, o espírito forte toma campo, regeita todos os auxílios à navegação. E realiza, apressadamente, uma superioridade de forças em um ponto dado, sujeito a alongar sem pejo as linhas de comunicação. Como se fôsse suficiente bater com o pé para fazer sair do chão invencíveis exércitos!

Onde os elementos concretos estão engajados, onde os meios precisos tornam-se necessários, onde palavras particulares como "armamento" e "performances" se substituem a termos gerais, assim como "superioridade aérea" e "potência de choque", a verdade se reconhece. Torna-se a passar por caminhos trilhados. A certeza cessa de ser impossível à reflexão de boa fé. Pois o bom senso e a lógica se prendem à natureza do homem e das coisas e são, para quem ama clareza e simplicidade, de todos os lugares, de todos os tempos. E ei-los contra o disparate e a favor da unidade do julgamento militar!

Tendes por verdades mestras os princípios da guerra. Fortalecidos com essas regras invioláveis, analisais vossos meios à vista das exigências de vossa missão. Se forçais essa análise por inadvertência, se por precipitação negligenciais os tempos mortos, se não obstante os escrupulosos cálculos de vosso chefe de estado-maior, passais além disso para o golpe decisivo, ireis direto ao arbitrário, à solução artificial e, por consequência direta, ao insucesso no dia do perigo.

O chefe que, em toda medida e probidade, faz o balanço de suas necessidades e de seus recursos, enumerando cada parágrafo, procurará estender suas possibilidades sem jamais as ultrapassar. É o bom senso que manda circunscrever, com precisão sobre a carta, o espaço

operacional, traçar com minúcia o eixo do esforço e as linhas de comunicação, proporcionar a manobra à importância do vulto da batalha. E ainda o bom senso que exige apoiar constantemente a manobra sobre números: por exemplo, para uma operação aerotransportada, número, tipo e capacidade de aviões-transportes necessários para transportar uma divisão leve, um grupamento de artilharia ou um grupamento blindado a uma distância dada.

Para essa tarefa tão concreta é preciso espírito e do melhor: do mais exercitado, do mais penetrante. Quantas nuvens dissipadas, quantas dúvidas desfeitas, por um chefe de estado-maior, de senso firme, quando ele se mostra às vezes cavalcando quadros de dotações e de efetivos, regulamentos e métodos de emprêgo, quando só abre reverentemente os documentos de objetivos, as instruções táticas sobre a caça, o reconhecimento e o bombardeio, quando compulsa com minúcia, mas talvez com certa destreza empírica, as fichas de informações sobre as toneladas de explosivos ou os alcances práticos de detenção radar!

Tal general discute, raciocina, disserta sobre geopolítica ou mesmo psicopolítica, fala sobre a inter-ação das três armas, se mostra hábil em palavras. Toma nomes abstratos por realidades concretas. E a coragem de espírito não lhe falta para engajar frotas aéreas, até o corpo de batalha inteiro, além da calota ártica e ainda menos para tornar firme um plano ofensivo nas planícies do Norte da Alemanha. Pelo menos sua sagacidade tem limites tanto quanto seus conhecimentos técnicos. Uma inteligência, que se supõe tão luminosa, não ilumina à primeira vista uma situação de guerra. A idéia de manobra não surge de repente como a água jorra às vezes das areias do deserto. Uma base de operações, qualquer que seja a mobilidade de seus serviços, não nasce espontaneamente ao pedido. No longo trabalho de deduções onde nos leva uma operação combinada moderna, as dificuldades crescem, em mil detalhes,

à medida que nos aproximamos dos fatos.

Querer pensar fora do concreto é se obrigar a pensar fora do senso comum. Assim, êsse general do ar citado por Liddell Hart, que "dissociava cálculo e probabilidades" e em seguida desencadeava suas esquadilhas sem as plataformas, as pistas de cimento e as infra-estruturas indispensáveis à manobra aérea. Espantem-se, por conseguinte, desta outra tirada de Paul Valéry :

"Eu desconfio muito do general que generaliza e que descança da tarefa sobre seu estado-maior."

Nada há como o real para aproximar cérebros brilhantes, e mostrar a fraqueza do espírito humano. Nada há como o pormenor para acusar a fragilidade das improvisações demasiado lógicas, demasiado cartesianas, demasiado piramidais que permitem sem um tiro, a vosso general, ser o mais forte no ponto e no momento que êle escolheu para arriscar tudo, tôdas as reservas lançadas contra a ala móvel do dispositivo inimigo. Nada há como os fatos iluminados por luz crua, para dar o senso do relativo, tão raro nos críticos militares à moda Douhet, para o qual "a amplitude do espaço operacional não é uma dificuldade."

O grande chefe que fala de uma "poderosa concentração de fogos" evita muitas vezes, em seu plano de manobra, materializar seu pensamento dizendo o número, o tipo e o aprovisionamento das bôças de fogo, dos aviões ou dos engenhos que participam dessa concentração.

O caça que assume o compromisso de interceptar uma expedição fica menos categórico quando se inclina sobre os meios muito limitados de detecção eletromagnética e de filtragem de uma estação principal de radar. E se limita então a garantir a cobertura momentânea dum objetivo ou uma protecção temporária sobre zona.

O termo "informação instantânea", que empregam nossos críticos militares em moda, é um vocábulo impróprio por tudo o que êle encerra de fictício. Não há infor-

mação instantânea no sentido matemático da palavra instante. FOCH que era politécnico afirmava que "uma informação sobre o inimigo pertence sobretudo ao passado". Assim, quem diz informação diz demora. Ao vosso teórico definir, por um número, a duração, tão rápida de compreender, da transmissão da informação. E se essa informação vos é dada pelo aviador que é obrigado a decolar, ganhar altura, explorar, fotografar, revelar seu film, transmitir e talvez combater, prevê-se que êsse "instante" parece muito com o do cabeleireiro que quer reter o cliente apressado.

Verdadeiramente, nenhuma experiência é melhor que a que se dá a si mesmo. Tenho sempre diante dos olhos a imagem dum homenzinho de calças vermelhas, que, há uns trinta anos, se assemelhava como meu irmão. A êste menino-soldado, o capitão instrutor do Prtanêu Militar dizia, escandindo as palavras :

"Uma missão, meus, um prazo".
E insistia : "Um prazo, sempre um prazo".

Enfim, quando, sobre um ponto preciso e concreto de tática, o litígio chega a dois resultados contraditórios, qual o meio de admitir que essas duas proposições têm o mesmo valor ?

Um dos juizes militares tem razão, ou se engana menos. O critério é a eficácia. E aqui que jogam o bom senso e a experiência dos homens para fazer ficarem de acôrdo dois espíritos distintos, mas até então divididos por especulações sobre guerra fria, guerra quente e guerra total, a estratégia das coalisões, a resistência das zonas estratégicas e das vertentes defensivas, o emprego da bomba atômica ou da bomba de hidrogénio.

Se vosso adversário não tem razão, êle se acha muitas vezes experimentado em lógica. Vós só o convencereis guiando sua atenção sobre os fatos e, repisamos, sobre o "aide-mémoire" de estado-maior. Aos fatos, base sólida, não se pode afrontar de cabeça baixa. Por si sós êles nos dão a perceber a pressa.

do impulso e a fraqueza do raciocínio.

A superioridade técnica está ao lado do Mig 15 ou do F 86? Compara os dois canhões de 23 mm e o canhão de 37 mm do caça russo às metralhadoras de 12 mm.7 do Sabre, as "performances" acima de 30.000 pés, a blindagem dos dois aparelhos, o equipamento rádio. Conclui por critérios preciosos.

"Não vejo senão os fatos, dizia Napoleão à Murat: os canhões sem balas, as tropas sem viveres, os soldados sem calçados, os feridos sem curativos... Calcule-me tudo isso e sem demora."

E à Berthier:

"Quantos cartuchos por homem?" Eu digo "quantos". "Responda-me certo e não me embarace com explicações."

Assim falava o chefe ao tempo em que os homens iam a pé ao combate. Mas o general de 1951 não terá uma linguagem muito diferente:

"Quais são as vossas bases de estacionamento? Onde estão vossos campos de trabalho? Quais são suas dimensões, seus equipamentos, suas defesas? Sobre que margem de previsão pode contar tal controlador de operações? Que quantidade de combustível levam vossos caças? Que consumo nos diversos regimes?..."

Questões máximas para o chefe do estado-maior e não minúcia ociosa, exceto para o general que nunca viu uma rede de transmissões fraca, P.C. muito afastados, duas ou três saídas de observação malograrem uma após outra, três ou quatro equipagens de reconhecimento abatidas sucessivamente pela caça (donde solução de continuidade nas informações), um intérprete se atrasar em suas conclusões, uma expedição de bombardeio não cobrir o objetivo, uma outra falhar ante uma ponte ou uma via férrea, e até caças de apoio aéreo metralharem tropas amigas.

"Na Coreia, foi declarado na Câmara dos Comuns, caças aliados lançaram bombas (napalm) sobre tropas britânicas, os elementos avançados dos ingleses tendo per-

dido contacto rádio com as retaguardas."

Ai estão fatos, que digo? fatos comuns na guerra. Eles não permitem ao chefe do estado-maior deixar a um segundo tenente o cuidado de regular os pormenores. Pois é de pormenores que vive o combatente. E o homem não é o elemento essencial?

Fora do concreto a evidência se escapa, as opiniões se dividem, os raciocínios se fazem peremptórios. A competência não se afirma indispensável a quem adianta um julgamento e não exprime senão um medíocre atrativo em fixar seu espírito sempre sobre essas mesmas minúcias tidas como fastidiosas.

"Emprêgo de manobra!" dizem os grandes espíritos que, tomando a coisa por alto, só têm a se lançar, levados ao fim pelo jato reto da inspiração. E esquecer o muito sensato Turenne que repreendia o Cavalheiro d'Eon:

"Não trabalhai o suficiente. Tudo o que se pretende deixar à inspiração, é deixado à sorte."

É demasiado fácil dissertar sem dados precisos sobre a interceptação por caças transsônicos guiados pelo radar, ou a colocação em ação de engenhos-foguetes a distâncias intercontinentais. No mundo da física nuclear e dos "robots" eletrônicos o campo está livre ao pensamento aventureiro. A operação mais complexa se faz pronta e enérgica na manobra sem inimigo. Mas se vos voltardes para a terra, não encontrareis, nas vossas plataformas os engenhos eletrônicos, mas alguns "Vampire" e F 84 com os quais amanhã entraremos em campanha. Analisareis os fatos com sangue-frio. E em vista do relatório das forças em presença que, à primeira leitura, não deixará de nos inquietar, se se trata de disputar a linha do Elba ao inimigo ou de resistir sobre o Reno sem idéia de recuo.

Tendes um contraditor? Mergulhai-o na técnica, em elementos definidos. A esse homem, que vive nos píncaros, fazei precisar uma direção de esforço, articular um desenvolvimento, dosar um dispositivo, calcular o tempo necessário, a

uma concentração, estabelecer a lista, por ordem de valor, dos objetivos mais "compensadores".

Montar um "planning" não é tão difícil. Mas é preciso sempre, em nossas disposições, contar com as faltas dos indivíduos. Nada como o erro humano contra as antecipações sem fundamento. Desorientado, impotente, vosso antagonista restringirá suas pretensões avançando no problema prático; ele tomará cuidado com a minudência, se retardará a considerar com flexibilidade tôdas as faces do real, a obedecer às condições da experiência. Ele despojará sua lógica duma certa aspereza sêca e brutal. E se ele tem o espírito sensato, honesto, cessará de argumentar verdades de direito contra certezas de fato. Ele ganhará insensivelmente

esta polidez da convicção que não se encontra sempre entre os militares. Ele olhará a coisa em si, pois tudo, na guerra, é transação de circunstâncias, portanto de julgamento.

"A guerra, dizia FOCH, não vive senão de realidades postas em jôgo num tempo determinado. Essas realidades são as linhas de defesa naturais, as organizações defensivas, os efetivos, os armamentos, os recursos, tudo o que se pode medir, arrolar, calcular."

Sim, a arte militar não procede nem unicamente da inteligência, nem da razão pura. É preciso sempre conduzi-la ao concreto. Eis por que ela se chama arte e, dizia Napoleão, "arte simples e tôda de execução".

